

# Diogo Freitas do Amaral O Magnífico Reitor



gradiva

DIOGO FREITAS DO AMARAL

# O MAGNÍFICO REITOR

*Peça em 2 actos*

**gradiva**

© *Diogo Freitas do Amaral/Gradiva — Publicações, L.<sup>da</sup>*

Revisão do texto: *Eunice de Matos*

Capa (concepção): *Armando Lopes*

Rui Mendes e Ana Bustorff, fotografia de *Steve Stoer*

Fotocomposição: *Gradiva*

Impressão e acabamento: *Fergráfica — Artes Gráficas, S. A.*

Direitos reservados para Portugal a:

*Gradiva — Publicações, L.<sup>da</sup>*

Rua Almeida e Sousa, 21, r/c, esq. — 1399-041 Lisboa

Telefs. 21 397 40 67/8 — 21 397 13 57 — 21 395 34 70

Fax 21 395 34 71 — Email: [gradiva@ip.pt](mailto:gradiva@ip.pt)

URL: <http://www.gradiva.pt>

1.<sup>a</sup> edição: *Abril de 2001*

Depósito legal n.º 163 924/2001

Veja o nosso *site*  
na Internet  
<http://www.gradiva.pt>

## PERSONAGENS

POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA

Teresa

Francisco

Dois estudantes

Vítor

Mais três estudantes

Manuel, reitor da Universidade

Leonor, secretária de Manuel

Margarida, professora auxiliar da Universidade

Cinco professores catedráticos da Universidade

Ministro da Defesa Nacional

Ministro do Interior

Secretário-geral da União Nacional

Pides

1.º ACTO

Lisboa, Janeiro de 1962

## CENA 1

BAR DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DE LISBOA

TERESA — Vamos lá! Toca a trabalhar, pá!

FRANCISCO — Vamos embora daí, malta, já estamos atrasados para a reunião!

ANA — Calma aí, também não estamos assim tão atrasados como isso!

FRANCISCO — Então, o Vítor ainda não chegou? Ora bolas! (*Virando-se para um par de estudantes que dançam.*) É pá, vocês desculpem, mas nós vamos fazer aqui uma reunião. O amor é a coisa mais bela do mundo, a Joan Baez é fantástica, mas agora temos de trabalhar, OK?

LUÍS — O que é que vocês acham? Esperamos pelo Vítor e pelos amigos dele, ou começamos já a reunião?

TERESA — O melhor é começar já! Estamos atrasados! Já cá deviam estar, a esta hora!

LUÍS — Vamos começar.

FRANCISCO — Pois, meus caros colegas, o movimento estudantil está de uma passividade total. Depois da grande movimentação que houve a propósito do Decreto 40 900, já lá vão alguns anos e nunca se fez nada de jeito. É altura de agir! Algumas sugestões?

RUI — Bem, assim de repente...

LUÍS — Podíamos fazer uma lista das nossas reivindicações.

RUI — Boa ideia. Fazíamos uma lista, aí com dez ou quinze reivindicações.

RITA — E íamos entregá-la ao ministro da Educação.

ANA — Era mais prudente ir entregar a lista ao nosso reitor.

TERESA — Pois eu cá ia mas era entregá-la ao Presidente da República, como faz a oposição democrática.

FRANCISCO — Parece-me mais realista ir primeiro ao reitor, e depois perguntar-lhe se ele acha que vale a pena levarmos o papel ao ministro. O Presidente da República não é para aqui chamado: nós não vamos politizar o movimento estudantil! Tudo tem de ser feito num âmbito puramente académico.

RITA — E então a lista? O melhor é começar a fazer já essa lista.

FRANCISCO — O primeiro ponto tem de ser a liberdade de criação de associações de estudantes em todas as faculdades. Outras ideias?

TERESA — Obrigar os professores a dar aulas e a fazer exames, sem faltarem constantemente!

ANA — Melhorar as instalações!

LUÍS — Criar equipamentos para a prática do desporto!

FRANCISCO — Ótimo! Tudo excelentes ideias.

RITA — Estamos a progredir.

RUI — Que mais podemos reivindicar?

VÍTOR (*entrando com Sérgio*) — Desculpem lá o atraso, estivemos numa reunião importante.

SÉRGIO — Já tomaram muitas decisões?

FRANCISCO — Não, pá, sabes muito bem que não íamos tomar decisões sem vocês.

RITA — Mas já avançámos.

FRANCISCO — A ideia geral é esta: temos de dinamizar o movimento estudantil, que tem estado muito parado desde o 40 900, e para isso há aqui uma sugestão interessante, que é fazer uma lista geral das reivindicações estudantis.

TERESA — E ir entregá-la ao reitor e depois, talvez, ao ministro da Educação.

FRANCISCO — O que é que tu achas?

VÍTOR — A ideia não é má, mas parece-me muito limitada, um bocado clássica, pouco enérgica. Entregamos a lista, e depois?

RITA — Não acontece nada.

LUÍS — Os gajos metem-na na gaveta e nem sequer nos respondem.

RUI — O que é que nós fazemos a seguir?

VÍTOR — Não, a nossa iniciativa tem de ser mais ampla e mais contundente.

SÉRGIO — Tem de ter o efeito de uma bomba.

VÍTOR — Tem de movimentar toda a massa estudantil. E tem de extravasar da universidade.

TERESA — Tem de chegar à imprensa.

FRANCISCO — Isso parece muito interessante em abstracto. Mas, *em concreto*, o que é que tens a propor? Vês alguma coisa de mais reivindicativo do que elaborar e apresentar uma lista geral de reivindicações?

RITA — Então, a lista tem de se fazer.

VÍTOR — Depois tratamos disso. Mas há que integrá-la numa iniciativa mais forte, envolvê-la num quadro político mais amplo.

SÉRGIO — Há que fazer dela um rastilho.

VÍTOR — O objectivo é incendiar a opinião pública.

FRANCISCO — Lá estás tu com as tuas coisas.

LUÍS — Não sejas tão exagerado.

FRANCISCO — Olha que fomos eleitos dirigentes da Associação de Estudantes de Lisboa com base num programa apolítico.

ANA — Não vamos agora politizar tudo.

VÍTOR — Ó pá, mas tu não percebes que tudo é político, na vida? Como pode o movimento estudantil ser apolítico se não temos liberdade de associação, se não temos liberdade de manifestação, se não temos direito à greve? Lutar por estes direitos, face a uma ditadura, para ti não é fazer política?

ANA — A nossa associação existe.

TERESA — Esta liberdade, nem todos os nossos colegas a têm, mas nós já a conquistámos. Já é bom.

LUÍS — Vamos usá-la o melhor que soubermos e pudermos.

ANA — Tens alguma proposta diferente da nossa?

TERESA — Se tens, defende-a agora.

VÍTOR — Tenho, sim senhor! Tenho uma proposta melhor. Eu e o meu camarada viemos agora mesmo de

uma reunião com amigos nossos e trazemos instruções... sugestões para lançar aqui uma ideia verdadeiramente revolucionária!

FRANCISCO — Olha lá, não te dava jeito organizar um golpe de Estado, só com estudantes? É muito fácil...

VÍTOR — A nossa proposta é: começar já a organizar o «Dia do Estudante», para daqui a dois meses, em Março.

SÉRGIO — Com greve às aulas durante um dia inteiro.

VÍTOR — E, nesse dia, a discussão em conjunto dos problemas, das carências e das necessidades do ensino superior em Portugal. Toda a massa estudantil vai entrar nesse debate.

RUI — No final, seria aprovado um caderno reivindicativo.

RITA — É a tal lista.

VÍTOR — Que vamos entregar ao reitor e ao ministro, com certeza, mas também a toda a imprensa diária.

SÉRGIO — Vai ser uma bomba!

VÍTOR — O que é que acham?

FRANCISCO — A ideia parece-me boa, mas há que ter cuidado, para que não seja mal interpretada. «Dia do Estudante»?

RITA — «Dia do Estudante». É giro!

FRANCISCO — Mas não seria melhor propormos um «Dia da Universidade»? Afinal, a universidade é um conjunto de professores e de estudantes.

LUÍS — A tua ideia é excluir os professores dessa jornada de reflexão e debate?

VÍTOR — Claro que quero *excluir* os professores. E o «Dia do Estudante» não pode ser, *apenas*, uma jornada de reflexão e debate: tem de ser, *sobretudo*, uma jornada de luta.

Não, pá, não me interessa para nada um «Dia da Universidade», com professores e alunos, todos em alegre confraternização. O que me interessa é um «Dia do Estudante» que tenha como alvos da nossa luta os professores e o governo.

TERESA — Desculpa lá, mas é muito mais útil para todos — e mais fácil as autoridades deixarem passar — um «Dia da Universidade», em que justamente, ao contrário do que tu dizes, estudantes e professores possam analisar em conjunto os problemas da universidade.

SÉRGIO — Nem pensar, pá.

RUI — Isso era o que eles queriam.

LUÍS — Era fazer-lhes o jogo.

RITA — Era domesticar o movimento estudantil.

VÍTOR — Nós não temos nada em comum com os professores — a não ser estarmos juntos com eles nas